



AS MUITAS FACES DA RESISTÊNCIA: O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

Gabriela Sousa Paiva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: gabrielapaivav@gmail.com

Frances Luiza Nascimento Brandão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: francesluiza@hotmail.com

Marian Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marian.oliveira@uesb.edu.br

687

INTRODUÇÃO

Este trabalho busca analisar as condições adversas do ensino de língua estrangeira (inglês) para pessoas com síndrome de Down, como também ressaltar a importância da educação completa enquanto forma de resistência e inclusão para esses sujeitos que, igualmente aos outros, são sociais e devem ter acesso a oportunidades dignas de alfabetização e ensino-aprendizagem. Para essa análise, efetuamos atividades lúdicas do inglês com os participantes do Núcleo Saber Down e, a partir desse contato, desenvolvemos um apurado da condição da síndrome em questão e fizemos uma reflexão breve a respeito do bilinguismo na sociedade contemporânea para, enfim, tratarmos da demanda das dificuldades articulatórias desses indivíduos, focando, especialmente, no processo de sonorização e dessonorização das consoantes da língua inglesa.

A síndrome de Down ou Trissomia 21, condição genética definida por Kozma (2007, p. 15) pela existência de um cromossomo extra dentre as milhões de células humanas, é ainda recebida pelos pais em todo o mundo de maneira muito negativa. Mustacchi (2009) relata que isso se dá em virtude das informações desatualizadas, ultrapassadas e preconceituosas que se perpetuam com frequência sobre essa síndrome. Já sabemos, e continuamos a lutar para que esses pressupostos sejam ressignificados, que o indivíduo com Down, apesar de suas limitações, pode e deve ter acesso a um

Realização:



Apoio:





desenvolvimento pleno, com alternativas comuns aos outros sujeitos típicos, a exemplo de acesso à educação básica e, posteriormente, ao mercado de trabalho.

Dito isto, é importante ressaltar, também, que esse acesso à educação se estende a todas as áreas e modalidades de estudo que são oferecidas por instituições escolares. A pessoa com Down não precisa saber “apenas o básico”, por isso, o inglês é uma opção que, nesse mundo globalizado, não deve ser deixado de lado do escopo curricular das pessoas com T21. Em uma sociedade que reforça o surgimento do bilinguismo enquanto “desenvolvimento multidimensional de duas ou mais línguas,” (MEGALE, 2018, p. 05), se faz necessário reforçar essa educação desde a infância de sujeitos com Down para que eles possam desenvolver uma segunda língua em conjunto ao português brasileiro e, assim, ganharem mais oportunidades futuras no prisma social.

Na presente pesquisa, portanto, interessa-nos entender o ensino de língua estrangeira em um universo bilíngue que inclua os indivíduos com síndrome de Down, ressaltando a possível ocorrência de processos fonológicos enquanto fenômeno natural da língua, a exemplo da troca de fonemas que se distinguem apenas pelo traço de sonoridade (SOUZA, 2017, p. 89), no intuito de compreender esse quadro no desenvolvimento de um idioma e, conseqüentemente, buscar soluções pautadas nesse conhecimento para que a aprendizagem se mantenha inclusiva, justa e plena durante os anos iniciais desses sujeitos atípicos.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho, nós desenvolvemos uma atividade de reforço escolar oferecido pelo projeto de extensão do Núcleo Saber Down voltado para crianças com essa condição, o que proporciona a observação empírica em tempo real. A análise do ensino de língua inglesa para esses sujeitos foi feita por meio do aparato teórico de autores que tratam da síndrome de Down, como Kozma (2007) e Mustacchi (2009). Também, desenvolvemos a pesquisa sobre bilinguismo e língua com Megale (2018 e 2019) e Oliver (2012). No intuito de falar dos processos fonológicos e da sonorização e desonorização de consoantes, nos pautamos no livro de Hora (2014) e na dissertação de Souza (2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



É um fato que as pessoas com síndrome de Down têm déficit intelectual e que isso varia de sujeito para sujeito, já que a SD não os coloca em um grupo homogêneo em que todos agem e se desenvolvem do mesmo jeito. Essa condição de dificuldade de aprendizado se deve às diferenças cromossômicas da síndrome que afetam o encéfalo e o sistema nervoso, partes responsáveis pela inteligência e comportamento (KOZMA, 2007, p. 32). No entanto, isso não torna o indivíduo incapaz de aprendizagem, pelo contrário, essa crença é um mito e o QI relativamente mais baixo não vai comprometer inteiramente a vida social e/ou intelectual desse sujeito. Kozma (2007, p. 38) ainda ressalta que “A síndrome de Down tem sua própria linguagem”, o que nos faz refletir sobre maneiras de abranger as particularidades dessas pessoas no processo de ensino.

Nesse sentido, a educação bilíngue surge como uma possibilidade real e significativa para indivíduos com Down. Essa educação, inclusive, possui questões que permeiam discriminação e deslegitimação de falantes, o que condiz com a realidade de muitas pessoas com a T21, e o que reforça a necessidade de haver “uma compreensão mais ampla sobre o desenvolvimento do bilinguismo, sobre suas possibilidades de formação de sujeitos e também sobre as condições sociais [...] que envolvem a questão,” (MEGALE, 2019, p. 25). Além disso, é uma forma de integração que, por si só, faz uma educação inclusiva, considerando que, apesar da globalização e dos idiomas presentes no Brasil, as condições para esse ensino não são sempre fáceis.

E em relação a pessoas com síndrome de Down, então, é preciso ter um cuidado ainda mais minucioso, pois é indispensável respeitar as limitações e adversidades que podem surgir durante o aprendizado – mais que respeitar, aliás, também entender como elas funcionam. Algumas estratégias precisam ser tomadas para beneficiar o ensino de língua conjuntamente a sua prática e, para isso, é necessário objetivar alguns déficits específicos que permeiam esse grupo com mais facilidade que os demais, a exemplo da ocorrência de alguns processos fonológicos (OLIVER, 2012, p. 20, trad. nossa). No caso do nosso trabalho, tratamos a respeito da sonorização e dessonorização, bem como possíveis maneiras de lidar com esses acontecimentos.

Primeiro, é categórico que digamos que o indivíduo com T21, dentre seus vários aspectos, possui músculos hipotônicos, ou seja, enfraquecidos, que não conseguem sempre realizar contração adequada pela falta de tônus (MUSTACCHI, 2009). Em seguida, temos que pontuar como funciona a passagem de ar pelo aparelho fonador, conjunto de órgãos responsáveis pela fala humana: o ar, quando expirado, sofre uma compressão nos pulmões e é lançado para cima, pela traqueia até alcançar a laringe e



atravessar a glote, localizada na altura do pomo-de-adão; nesse momento, o fluxo de ar vai encontrar às pregas vocais, ou cordas vocais, que são músculos que se fecham ou abrem a depender da sua contração. No caso de estarem fechadas, essas pregas vibram e resultam em um som sonoro. Se abertas, a vibração é mínima e resulta em um som surdo (HORA, 2014, p. 04).

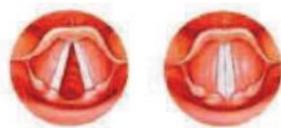


Figura 1 das pregas vocais tirada do livro “Fonética e Fonologia” (HORA, 2014, p. 04)

Isto posto, o processo fonológico de sonorização e dessonorização, que é natural da fala humana, ocorre com mais frequência em indivíduos com síndrome de Down e é um déficit específico que devemos nos atentar porque, em razão da hipotonia muscular, a contração das pregas vocais realizada por esses sujeitos pode ser comprometida, o que acarreta na troca entre fonemas que se diferenciam apenas pelo traço de sonoridade, a exemplo de /p/ e /b/ e /g/ e /k/. Considerando que esses fonemas são distintivos, isso pode prejudicar o entendimento do que se é dito e, também, o processo de comunicação (SOUZA, 2017, p. 89). No caso da sonorização, há a vibração das pregas vocais em uma consoante que é surda. A dessonorização, por outro lado, é o processo inverso.

No ensino de língua estrangeira, essa troca foi observada pelas alunas da graduação que contribuem no Núcleo Saber Down, realizada com frequência pelos participantes do projeto. Com relação ao inglês, encontramos, por exemplo, ocorrências como [baɪ], “bye”, para [paɪ], o que corresponderia a palavra “pie” e, também, [ɡʊd], de “good” para [kʊd], que seria “could”. Assim, fica claro que, de fato, esse é um processo fonológico comum a indivíduos com síndrome de Down pela dificuldade de controle das pregas vocais no momento de realizar os segmentos consonantais (SOUZA, 2017, p. 127), todavia, é considerado passível de correção pela consciência que essas crianças dispõem de sua fala, ou seja, pelo entendimento do erro.

Em suma, nossa pesquisa está em andamento pela não conclusão das soluções possíveis para que esse déficit específico seja corrigido. Porém, já podemos supor que o sonora (HORA, 2014, p. 12), a exemplo dos que já foram mencionados no parágrafo trabalho com pares mínimos, itens lexicais com apenas um elemento distinto na cadeia anterior, pode, conjuntamente a repetição oral realizada de maneira dinâmica, auxiliar no entendimento e no exercício muscular das pregas vocais desses sujeitos.



CONCLUSÃO

Ao considerar os aspectos desenvolvidos nesta pesquisa em andamento, concluímos que o ensino de língua inglesa para indivíduos com síndrome de Down, a partir de preceitos fonéticos e fonológicos, é de extrema relevância para o aprendizado. Mesmo com o déficit intelectual nos diferentes tipos de SD, a capacidade de desenvolver habilidades quanto à língua existe e pode ser exercitada com o devido cuidado para as demandas específicas desses sujeitos. É notável para nós, ainda que não finalizado o trabalho com dados, que os participantes do Núcleo Saber Down já evoluem muito em termos de fala e escrita do inglês, o que significa que há a perspectiva para uma segunda língua no universo desses sujeitos. Para isso, no entanto, se faz necessário reforçar uma educação de qualidade e inclusiva, que pretenda focar nas particularidades dos diferentes grupos e indivíduos como meio de proporcionar a eles oportunidades similares no meio social.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome De Down. Língua Estrangeira. Processos Fonológicos.

REFERÊNCIAS

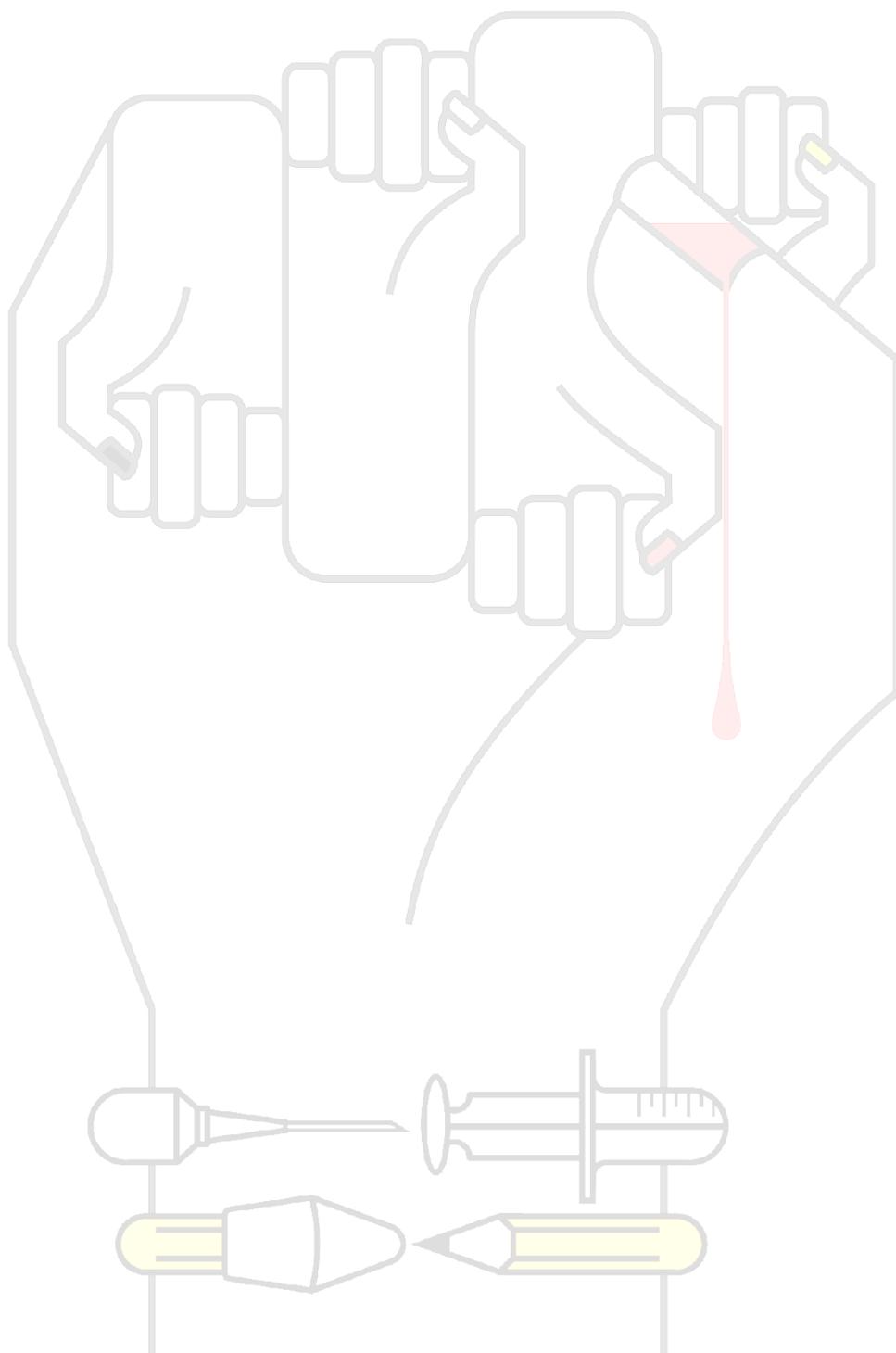
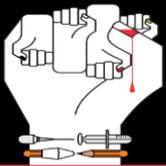
- HORA, Dermeval da. **Fonética e Fonologia**. UESPI. Teresina, 2014.
- KOZMA, Chahira. **O que é síndrome de Down. Crianças com síndrome de Down: guia para pais e educadores**. v. 2, p. 15-38, Porto Alegre, Artmed 2007.
- MEGALE, A. H. **Educação bilíngue no Brasil**. São Paulo: Fundação Santillana, 2019.
- MEGALE, A. H. **Educação bilíngue de línguas de prestígio no Brasil: uma análise dos documentos oficiais**. The Specialist, v. 39, n. 2, 2018.
- MUSTACCHI, Zan. **Guia do bebê com síndrome de Down**. São Paulo: Companhia Editora Nacional: Associação mais 1, p. 10-112, 2009.
- OLIVER, Collen D. **Down Syndrome and Language Development**. Research Papers. Paper 232, 2012.
- SOUZA, Luana Porto Pereira. **Processos fonológicos na fala e na escrita de sujeitos com síndrome de Down: uma interpretação via geometria de traços e teoria métrica da sílaba**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2017.

Realização:



Apoio:





Realização:



Apoio:

